

ALÉM DAS SALAS DE AULA

Reflexões sobre espaços de transição em campi universitários

BEYOND CLASSROOMS
Reflections on transitional spaces in universities campuses

Natalya Cristina de Lima Souza¹ e Gleice Azambuja Elali²

Resumo

Este artigo visa identificar um sistema de espaços de transição em campi universitários, tendo como base estudos do uso e ocupação de ambientes acadêmicos publicados entre 2000 e 2021 em periódicos da área de Arquitetura, Urbanismo, Paisagismo e Design. O resultado da revisão narrativa da literatura foi relacionado à bibliografia seminal sobre sua compreensão e tipologias, incidindo em três grupos: (a) a dinâmica das atividades de movimento e permanência, (b) suas características físicas e (c) as relações entre interior e exterior. Tais grupos foram associados aos padrões de linguagem - pattern language (ALEXANDER; ISHIKAWA; SILVERSTEIN, 1977), correspondendo a: (i) entradas e áreas comuns cobertas; (ii) circulações horizontais e verticais; (iii) áreas externas descobertas. Além de colaborar com pesquisas futuras, o estudo pode contribuir para consolidar a noção de espaços de transição.

Palavras-chave: espaços de transição, campus universitário, revisão narrativa.

Abstract

This article aims to identify a system of transitional spaces on universities campuses; it is based on studies of the use and occupation of academic environments published between 2000 and 2021 in journals in the field of Architecture, Urbanism, Landscaping and Design. The result of the narrative review was related to the seminal bibliography on their understanding and typologies, focusing on three groups: (a) the dynamics of movement and permanence activities, (b) their physical characteristics and (c) the relationships between interior and exterior. Such groups were associated with the pattern language (ALEXANDER; ISHIKAWA; SILVERSTEIN, 1977), corresponding to: (i) entrances and covered common areas; (ii) horizontal and vertical circulations; (iii) outdoor areas. In addition to collaborating with future research, the study can contribute to consolidating the notion of transitional spaces.

Keywords: transitional spaces, university campus, narrative review.

¹ Doutoranda em Arquitetura pelo Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU-UFRN), Mestre em Arquitetura pelo mesmo programa (PPGAU-UFRN/2020), Arquiteta e Urbanista (UFRN/2017). Pesquisadora com bolsa da CAPES, vinculada aos grupos de pesquisa GEPA (UFRN) e Projetar (UFRN).

² Professora titular pela UFRN, leciona na graduação em AU e no Programa de Pós Graduação em AU (PPGAU). Pós-doutora em Arquitetura (ULisboa, 2018), Mestre e Doutora em Arquitetura e Urbanismo (USP, 1998 e 2002, respectivamente), Psicóloga (UFRN/1987), Arquiteta e Urbanista (UFRN/1982), pesquisadora com bolsa de Produtividade do CNPq, vinculada aos grupos de pesquisa GEPA (UFRN) e Projetar (UFRN).

Introdução

O ambiente da escola, a vibrante interação entre estudante, professor, ambiente, currículo, família e comunidade, é um microcosmo do mundo: as instalações definem o mundo; o sistema pedagógico e a organização revelam a sociedade; os indivíduos envolvidos na experiência de aprendizagem compõem a população (TAYLOR; VLASTOS, 1983, s/p.).

Tratado genericamente na citação em caput, o ambiente escolar, em seus diversos níveis, pode ser considerado um recorte do mundo mais amplo e, mais do que isso, uma parte que reflete (e é reflexo) do contexto em que se insere. Em termos socioambientais essa premissa se torna especialmente verificável em instituições de maior porte, algumas das quais chegam a assumir características de enclaves³ em área urbana, como é o caso dos campi universitários. Esse entendimento é fundamental para a análise pretendida neste artigo, que se propõe a associar características de campi às ideias derivadas do espaço urbano.

O contexto de implantação das Instituições de Ensino Superior varia de acordo com condições ambientais, temporais, culturais e políticas de cada cidade e com os elementos que caracterizam cada instituição. Ao longo da história, aspectos do dinamismo urbano e da concepção/interpretação destes espaços contribuíram para que as edificações acadêmicas se organizassem em configurações do tipo “campus universitário”, composto por áreas edificadas (prédios) e espaços livres delimitados a partir de uma estrutura viária própria. Assim, simultaneamente, os campi se assemelham ao espaço urbano e estabelecem especificidades na relação entre sua forma e as atividades que ali acontecem.

Diante desse quadro geral, são relativamente comuns os estudos voltados para compreensão das vivências nesse território e do modo como tais experiências impactam na cidadania e no comportamento dos seus frequentadores. Pesquisas visando a compreensão do papel dos espaços de livre acesso e circulação das universidades na qualidade de vida e formação dos usuários são recorrentes tanto em publicações internacionais (BODDINGTON; BOYS, 2011; STRANGE; BANNING, 2015; HAJRASOULIHA; EWING, 2016) quanto brasileiras (SARMENTO; COSTA; ELALI, 2016; CALDERARI; FELIPE, 2021).

Em geral, o interesse dos autores parte da compreensão de que a aprendizagem não se limita a acontecer nas áreas claramente demarcadas e organizadas para promovê-la, ao contrário, tais locais não são suficientes para fomentá-la e não a contém, pois os espaços abertos de uso comum (tanto cobertos quanto descobertos, incluindo as circulações) contribuem para a dinamicidade das atividades educativas, estimulando comportamentos sociais, afetivos e criativos que promovem as relações informais e a aquisição de conhecimentos.

Pela diversidade de formas e de uso, os espaços comuns e de passagem no campus estimulam estudos que analisam dimensões variadas de sua relação com os usuários, dentre as quais, destacam-se:

- i) a dimensão social - envolvendo atividades realizadas e interações;
- ii) a dimensão física - relação entre tipologias, conforto, orientação espacial e acessibilidade;

³ Entende-se enclave como um território cujas fronteiras geográficas se inserem totalmente dentro dos limites de uma região maior.

- iii) a dimensão cultural - hábitos e políticas institucionais;
- iv) a dimensão temporal - turnos, permanência, frequência de uso;
- v) a dimensão simbólica - vinculação afetiva, restauração emocional, pertencimento e identidade.

Apesar deste evidente interesse, a variedade de nomenclaturas atribuídas a tais ambientes faz com que, no levantamento de referências nesse campo de estudos, seja observada uma importante dificuldade: a falta de uma raiz conceitual que agrupe as investigações. Como cada autor utiliza o termo mais adequado à sua pesquisa, de acordo com as noções de escala espacial e variações de uso/percepção que mais se ajustam à situação investigada, os trabalhos acabam se dispersando.

Inserindo-se nessa lacuna, a investigação maior que alicerça esse artigo aponta a necessidade de se estabelecer um sistema de espaços de transição que possa auxiliar o reconhecimento e análise comparativa dessas áreas no campus universitário. Para tanto, optou-se por uma aproximação com a literatura que emprega o conceito de espaços de transição no contexto urbano (GEHL, 1971; ALEXANDER; ISHIKAWA; SILVERSTEIN, 1977), incorporando essa noção à escala do campus. Tal estratégia apoia-se em referências atuais que apontam conflito na identificação desses espaços dentro da classificação do Sistema de Espaços Livres (SARMENTO, 2017; BOAVENTURA, 2021).

Partindo-se deste quadro mais amplo, este artigo visa apresentar o resultado de uma revisão narrativa de referências voltadas para a análise do uso e percepção de espaços de transição em campus universitário, a qual respalda a identificação desses espaços como um sistema. Espera-se que o estudo possa fomentar o debate sobre aspectos que conectam os espaços de transição em rede dentro dos campi. Para isso, o artigo está organizado em quatro itens. Inicialmente é apresentada a noção de espaços de transição e suas tipologias. Em seguida, são relatados os procedimentos de pesquisa, e passa-se aos principais resultados encontrados durante a análise, que traz a discussão de algumas especificidades no contexto do campus universitário e como os sujeitos vivenciam esses lugares. As considerações finais apontam contribuições do estudo e indicam aspectos que fundamentam a continuidade da pesquisa.

Espaços de transição

A noção de “espaços de transição” é variável de acordo com a escala estudada, e ganha significado à medida que, para descrever a relação intermediária entre o edifício (a arquitetura) e seu entorno (o urbano), combina considerações sobre: (i) a forma arquitetônica; (ii) as condições físicas e sociais observáveis no local; e (iii) o comportamento dos usuários. Quanto às origens do termo, verifica-se que tem base na visão da transição como fenômeno (MERLEAU-PONTY, 1945) e discussões oriundas da psicanálise sobre “espaço transicional” e “espaço potencial” (WINNICOTT, 1953). Sob a ótica da fenomenologia do ambiente, o reconhecimento dos espaços de transição deriva da necessidade de perceber aquilo que se encontra “entre” a fim de entender os limites que estruturam e qualificam o espaço (NORBERG-SCHULZ, 1976). Para tanto é essencial considerar a alternância equilibrada de elementos, com especial cuidado para a comunicação e intermediação de opostos complementares, como aberto/ fechado; dentro/fora; público/privado; cheio/vazio (VAN EYCK, 1962; BARONE, 2002).

Pela fluidez formal e dinamicidade de experiências que proporciona, essa zona intermediária recebeu nomenclaturas diversas em fontes oriundas da Geografia, Psicologia Ambiental, Arquitetura e Urbanismo. O levantamento realizado detectou alguns destes termos, tais como: *edge of the space* (BENTLEY et al., 1985), “intervalo”

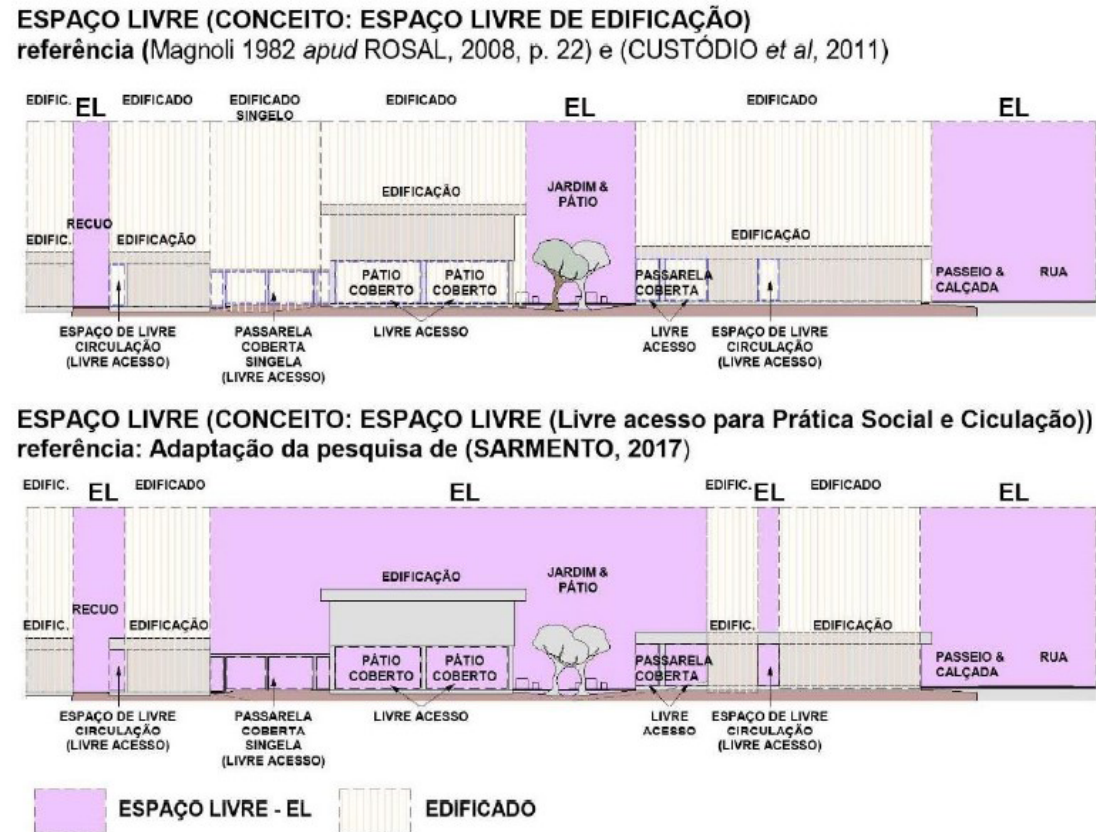
(HERTZBERGER, 1999), *interspazio* (TOSCANI, 2011); “zona híbrida” (VAN DER HAM; VAN ULDEN, 2015) e *in-between space* (OSORIO, 2012; SHAHLAEI; MOHAJERI, 2015). Scopel (2016, p.5) esclarece que grande parte desta terminologia “se configura sob a escala da rua, a qual compreende os edifícios e os espaços que os circundam”.

Os autores que empregam o termo “espaços de transição” (GEHL, 1971; ALEXANDER; ISHIKAWA; SILVERSTEIN, 1977) os identificam como zonas onde se localizam os acessos das edificações, que promovem permeabilidade na forma construída, em termos de trocas visuais, sociais e térmicas entre o interior e exterior. Ademais, como particularidade, apontam que tal local, além de permitir a livre circulação “também oferece melhores oportunidades para simplesmente permanecer, em pé ou sentado” (GEHL, 2013, p.75). Para denotar a transição física e psicológica proporcionada por estes espaços, os pesquisadores destacam, ainda, a importância de existirem estímulos sensoriais através de mudanças de ritmos, cores, texturas, iluminação, materiais ou sons.

A fim de propiciar a identificação dos espaços de transição como elementos de projeto, nos últimos vinte anos alguns autores se dedicaram a realizar estudos tipológicos visando categorizá-los. No Quadro 1 verifica-se que: (a) a pesquisa de Chun, Kwok e Tamura (2004) definiu três tipos com base nas diferenças de variáveis térmicas dos espaços de transição em relação ao edifício ou conjunto de edificações; (b) as dez categorias apresentadas por Djamel (2006-2007), e suas variações analisadas por Balsini (2014), utilizam como critério a funcionalidade dos espaços resultantes da relação da envoltória com outros elementos volumétricos; (c) Scopel (2016) e Ferreira (2022) esquematizaram exemplos a partir do modo como a fachada e a rua são conectadas por elementos intermediários no nível da calçada.

FONTE	ELEMENTOS
Chun, Kwok e Tamura (2004)	1 – Contido no edifício (ex.: lobby, átrio)
	2 – Coberto e anexo ao edifício (ex.: corredores, varandas)
	3 – Desconectado do edifício (ex.: pergolados, pavilhões)
Djamel (2006-07) e Balsini (2014)	1 - Marquise ou Beiral
	2 – Segunda pele cria espaço externo
	3 – Galeria
	4 – Pátio coberto
	5 – Gradil ou Muro
	6 – Pilotis
	7 – Materialidade imprecisa
	8 – Enterrado
	9 – Espelho d’água
	10 – Desnível
Scopel (2016) e Ferreira (2022)	1 – Apropriação dos passeios públicos
	2 – Fachadas com reentrâncias
	3 - Pavimento térreo com pilotis
	4 - Recuos de edifícios

Quadro 1 - Estudos tipológicos dos espaços de transição. Fonte: Elaborado pelas autoras, 2022.



A função desses estudos tipológicos é auxiliar na interpretação de componentes arquitetônicos que podem ser reconhecidos em projeto, facilitando a identificação de suas particularidades, problemas e soluções, alguns deles inspirados nos padrões discutidos por Alexander, Ishikawa e Silverstein (1977). Enquanto definição dos exemplares, a classificação de Chun, Kwok e Tamura (2004) opta por identificar cada tipo de modo genérico, agrupando exemplos que se relacionam, diferente dos demais autores, que ao especificar particularidades, dão menor margem para re-interpretações ou combinações.

Apesar dos avanços nas discussões sobre tipologias dos espaços de transição na escala da rua, ainda há uma lacuna na bibliografia que os estuda no contexto dos campi universitários. Para Boaventura (2021, p.11), o “campus é um recorte do ambiente urbano, inserido na malha urbana e, portanto, deve-se utilizar referenciais voltados para o estudo dos espaços urbanos da cidade”. No entanto, esse autor, assim como Sarmento (2017), ao analisarem o Sistema de Espaços Livres (MACEDO *et al.*, 2009; CUSTÓDIO *et al.*, 2011) identificaram a necessidade de inclusão da categoria “espaço de livre acesso para prática social e circulação” para incorporar exemplos como passarelas e pátios cobertos (Figura 1).

A definição dessa nova categoria é fundamental para a consolidação da noção de “espaço de transição” bem como para seu emprego em campi universitários. Tal estratégia se justifica pois, como o conceito de Espaço Livre compreende áreas de livre acesso ao redor das edificações, com ausência de um volume edificado ou confinamento por teto ou paredes (CUSTÓDIO *et al.*, 2011), ele desconsidera esses espaços acessíveis cobertos, os quais são comuns em campi brasileiros, especialmente em projetos modernistas, estando associados “à proposta brutalista das ‘ruas no ar’ – galerias abertas e largas, concebidas para incentivar a pausa para o encontro” (TRIGUEIRO, 2008, p. 66).

Portanto, este artigo aponta a necessidade de compreender como esses espaços estão sendo reconhecidos e analisados em pesquisas realizadas em campi, especialmente aquelas que investigam como influenciam e são influenciados por diferentes modos de uso e apropriação. Além disso, levantará como suas condições de infraestrutura, distribuição e funcionalidade contribuem para identificar implicações projetuais e promoção de experiências socioculturais.

Procedimento de pesquisa

Nesta parte do artigo serão relatados quais procedimentos foram realizados para construção de um quadro de referências que auxiliam na elaboração de um sistema de espaços de transição aplicado na escala do campus universitário. O primeiro passo da investigação foi um levantamento em periódicos/journals ligados às áreas de Arquitetura, Urbanismo, Paisagismo e Design, publicados entre 2000 e 2021. Pela falta de uma base conceitual, as publicações foram selecionadas através do cruzamento dos potenciais sinônimos em inglês encontrados nos textos, incorporando termos equivalentes através de temas: i) aspectos da aprendizagem; ii) espaços de transição; e iii) atributos que investigam os usos. A estratégia adotada foi manter as palavras university ou campus no primeiro campo de busca e alternar as demais palavras-chaves no segundo, utilizando operadores booleanos (and ou or) a fim de encontrar ao menos um exemplo por tema (Quadro 2).

Inicialmente, foram escolhidos cerca de vinte textos para leitura integral, que auxiliaram na compreensão dos objetivos e resultados encontrados pelos autores (Quadro 3). Ao reuni-los, procurou-se ressaltar a abrangência dos espaços estudados, através da análise das descrições sócio físicas dos casos, considerando informações textuais e visuais (fotos, desenhos e mapas).

TEMA	ENTENDIMENTO	PALAVRAS-CHAVE	TEXTOS SELECIONADOS
TEMA 1	equivalentes aos aspectos da aprendizagem	Pedagogical approaches	Fisher (2005)
		Informal learning	Riddle e Souter (2012)
		Participation	Oliveira, Ferreira e Medeiros (2021)
		Creativity	Souza (2020); Bratuškins, Treija e Babris (2018)
TEMA 2	equivalentes aos espaços de transição	Transitional or in-between spaces	Architecture & Design Scotland (2021)
		Atrium or living area	Wu, Oldfield, Heath (2020); Silveira, Costa e Carvalho (2016)
		Shared circulation or corridors	Lynch (2006); Zengel e Kaya (2011)
		Open or outdoor spaces	Tourinho <i>et al.</i> (2021); Salama (2008); Alves, Takamune e Sunao (2016)
TEMA 3	equivalentes aos atributos que investigam os usos	Affordance	Ramu, Taib e Aziz (2019); Soares, Weitkamp e Yamu (2020)
		Users' preferences	Albuquerque, Silva e Kuhnen (2016); Ibrahim e Fadzil (2013)
		Place attachment	McLane e Kozinets (2019)
		Sense of place	Jamieson (2009); Zengel e Kaya (2011)

A intenção desta etapa foi investigar, através de revisão narrativa (SIDDAWAY; WOOD; HEDGES, 2019), como esses ambientes estão sendo reconhecidos e analisados em diferentes estudos nos espaços de livre circulação e permanência em campi. Em geral, essas pesquisas costumam ser abrangentes, adotando a avaliação pós-ocupação com multimétodos, que combina levantamento e observação em campo pelos pesquisadores (anotações/fotos) com as opiniões dos usuários (questionários/entrevistas). Posteriormente, buscou-se realizar um agrupamento dos exemplos de áreas comuns e de circulação apresentados nessas publicações, levando em conta a relação com os padrões predeterminados por Alexander, Ishikawa e Silverstein (1977). A elaboração de um sistema tem a intenção de apresentar esquematização que possibilite a apreensão de relações, interdependência e hierarquia entre espaços de transição em campi universitário, colaborando para novas investigações no tema.

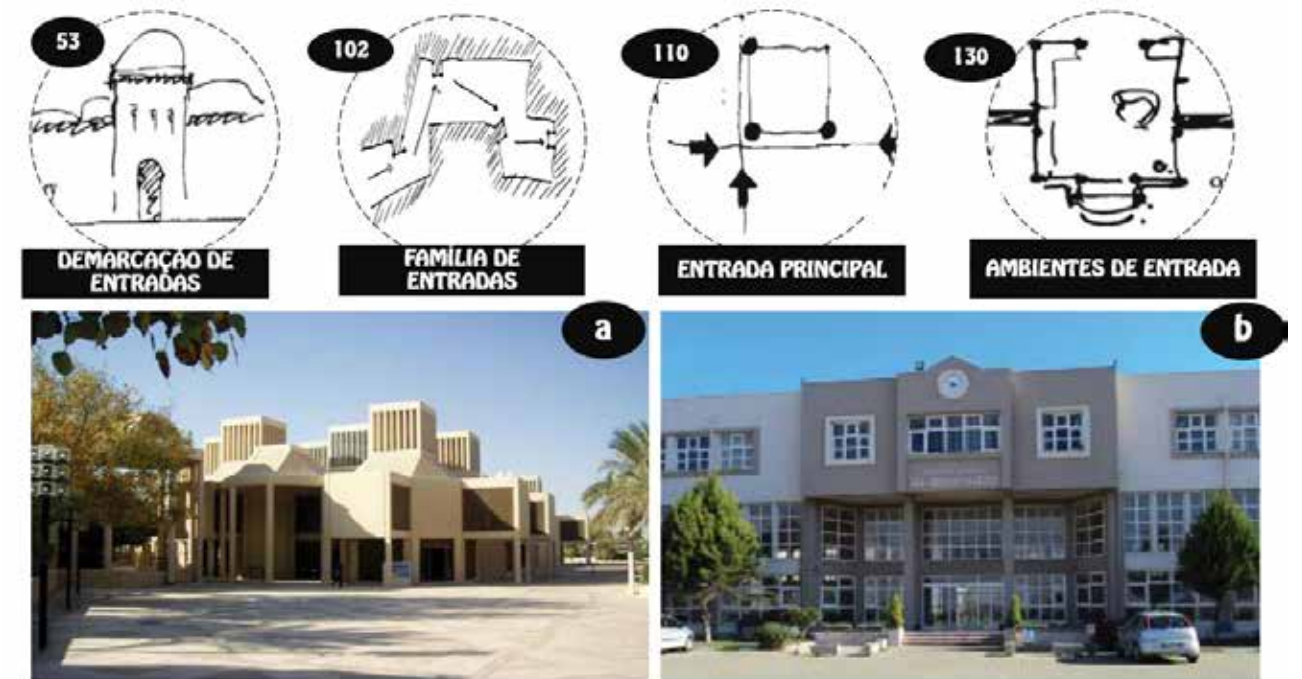
Resultados e discussão

Com base nos estudos de Gehl (1971) sobre a vida na cidade, as pessoas costumam realizar dois tipos de atividades no espaço urbano, aquelas em movimento e as estacionárias. Para o autor, quando os indivíduos se encontram em áreas públicas, existem demandas que amparam ou justificam a realização dessas atividades em três diferentes dimensões: necessárias, independente das condições externas; opcionais, favorecidas pelas qualidades ambientais; e sociais, que envolve o contato ativo ou passivo com outras pessoas.

A partir dessa compreensão, quando analisado o papel dos espaços de transição, percebe-se que sua configuração espacial garante a oferta de uma zona limítrofe que permite a fluidez da circulação, bem como a possibilidade de permanência, por curta ou longa duração. Logo, é comum que as pessoas tenham preferência por ocupar essas áreas devido a possibilidade de regular condutas sociais, proporcionando apoio físico e psicológico. Assim, a capacidade de viabilizar diversas atividades no mesmo ambiente, implica que eles sejam subdivididos e dispersos ao longo do espaço físico, para assegurar sua funcionalidade.

Em termos de planejamento, a distribuição dos espaços de transição pode ser feita de modo igualitário ou hierárquico, dependendo do tipo de edificação e das atividades demandadas, formando uma rede de estrutura social. No caso das universidades, Gehl (2011, p. 55) diz que “existe uma hierarquia composta por faculdades, institutos, departamentos e, finalmente, grupos de estudo, a menor unidade. A estrutura (social) confere um grau de tomada de decisão e fornece ao indivíduo uma série de pontos de referência”.

Seguindo essa lógica, ao associarem os padrões de linguagem “redes de aprendizado” (18) e “universidades como feira pública” (43), Alexander, Ishikawa e Silverstein (1977) destacam a necessidade de que a estrutura física dê suporte a social, de modo que os sistemas de entradas e circulações se conectem com as edificações centrais e se dispersem gradualmente para aproximar os espaços acadêmicos com a cidade. Outra publicação dos mesmos pesquisadores (ALEXANDER et al., 1975) descreveu como o caráter de feira pode ser alcançado, tendo resultado na estrutura do *master plan* para projetar a Universidade de Oregon. O modelo, ao apresentar uma lista de padrões específicos para esse ambiente, contribui não apenas para projetos a serem construídos, mas também ao oferecer conteúdo analítico para investigar o potencial de cada padrão “irradiar” sobre outros (KOTSIPOULOS, 1982).



Com isso, levando em conta a correlação de alguns padrões apresentados por Alexander, Ishikawa e Silverstein (1977) e de como podem ser agrupados, buscou-se levantar semelhanças de suas estruturas com exemplares estudados em pesquisas atuais aplicadas em campi universitários. Para isso, a organização desta investigação dividiu a discussão dos resultados em três grupos: i) entradas e áreas comuns cobertas; ii) circulações horizontais e verticais; e iii) áreas externas descobertas.

GRUPO 1 - entradas e áreas comuns cobertas

Com base nos estudos de Alexander, Ishikawa e Silverstein (1977) sobre os padrões que descrevem o papel das entradas como espaços de transição, destacam-se as contribuições de análises de quatro padrões: “demarcação de entradas” (53); “família de entradas” (102); “entrada principal” (110); “ambientes de entrada” (130). Em geral, as recomendações sobre esses parâmetros apontam para a necessidade de uma delimitação visivelmente definida dessa área, que enfatize a sensação de transição através de alguma mudança (de iluminação, vista, nível ou tratamento de superfície). Quanto ao seu aspecto formal, os autores (1977, p.278) admitem que elas podem ser limitadas de diferentes maneiras, mas que “todas as demarcações de entrada são ‘coisas’ – não meras aberturas ou frestas, mas entidades concretas”.

Analisando a bibliografia levantada sobre esses exemplares no contexto contemporâneo (SALAMA, 2008; ZENGEL; KAYA, 2011), as fotografias (Figura 2) demonstram que, externamente, é comum a marcação na fachada de uma entrada principal ou de uma família delas por elementos como marquises, beirais e reentrâncias. Além do destaque visual por diferença de cores, alturas e texturas, essas coberturas garantem certa proteção contra intempéries e geração de microclima que permite que as pessoas permaneçam no local, tornando-se um local de espera e encontro.

Internamente, a literatura indica que essa demarcação de entrada tenha certa continuidade visual para reforçar a transição de fora para dentro, especialmente pela transparência das aberturas. Os exemplos mais usuais de ambientes de entrada internos são o *hall* ou *lobby*, fundamentais para orientação espacial e recepcionar novos usuários. Considerando os padrões “uma recepção para dar boas-vindas” (149) e “um lugar de espera” (150) de Alexander, Ishikawa e Silverstein é indicado que, pelo seu papel, o local “deve ser projetado desde o início com a ambiência correta” (1977, p.705), de modo que “crie uma situação que faça da espera algo agradável” (1977, p.710).

Figura 2 - Exemplo de marcação de entradas nas fachadas. Fonte: ALEXANDER; ISHIKAWA; SILVERSTEIN, 1977 (croquis); SALAMA, 2008, p. 61 (a); ZENGEL; KAYA, 2011, p.64 (b), retrabalhado pelas autoras.



Figura 3 - Diferença entre configuração interna de entradas. Fonte: ALEXANDER; ISHIKAWA; SILVERSTEIN, 1977 (croquis); MCLANE; KOZINETS, 2019, p.84 (a); p.86 (b), retrabalhado pelas autoras.

Em pesquisa que comparou dois edifícios de centros estudantis, as análises de McLane e Kozinets (2019) revelaram que configurações internas do tipo *plaza* (Figura 3a), compacta e com variedade de arranjos para sentar são mais convidativas à permanência do que do tipo “rua principal” (Figura 3b), que é linear e com assentos individuais posicionados ao longo das paredes, dificultando a socialização em grupos.

No caso das áreas internas de uso comum, os átrios e pátios podem oferecer suporte imediato às entradas ou serem implantados em regiões adjacentes. Sua configuração espacial se relaciona com os padrões “algo mais ou menos no centro” (126) e “área de uso comum no ângulo” (129), que apontam sua eficácia a partir de uma localização no centro de gravidade social do ambiente (não necessariamente no meio dele - em termos físicos), da tangencia com relação às rotas de entrada/ saída e que oferece da capacidade de provocar nos usuários o desejo de ali permanecerem seja pelo mobiliário ou pelas atrações efetiva ou potencialmente presentes, ou seja, suas *affordances* (RAMU; TAIB; AZIZ, 2019).

Ao analisar o papel dos átrios em espaço acadêmico (JAMIESON, 2009; WU; OLDFIELD; HEATH, 2020; ARCHITECTURE AND DESIGN SCOTLAND, 2021) identificaram que, quando projetados com grande escala em pontos focais, oferecem amplitude espacial ao ambiente, que garante “ver e ser visto”, influenciando as experiências dos usuários quanto ao nível de privacidade e interação social. Além disso, os autores salientam que, por ser uma área maior em relação ao *hall* ou *lobby*, deve oferecer mobiliário variado e flexível (Figura 4) para incentivar a diversidade de atividades individuais e coletivas, que se alteram conforme humor, tarefa e tempo de uso, podendo até suportar exposições, performances e eventos.

Como exemplo de área em que os usuários costumam estar em contato frequente, os espaços de transição do grupo “entradas e áreas comuns” quando são estudados pelo seu papel psicológico, integra dimensões sobre vinculação e identificação dos usuários. A pesquisa de Zengel e Kaya (2011) investigou o “sentido de lugar” (ALTMAN; LOW, 1992) ao analisar o conforto e humor dos usuários e a de McLane e Kozinets (2019) levou como base a estrutura de “seis processos de *place attachment*” (SEAMON, 2012) e os “quatro domínios da experiência” (PINE; GILMORE, 1999). No geral, os resultados desses trabalhos demonstram que quando oferecem melhores oportunidades para permanência e regulação das interações sociais, maior é a diversidade de experiências no ambiente, contribuindo para formação de senso de comunidade e simbolismo do lugar.

GRUPO 2 – circulações horizontais e verticais

Como geralmente as universidades envolvem distribuição hierárquica entre edificações ou salas para separar ambientes com finalidades diferentes, Alexander, Ishikawa e Silverstein (1977) destacam a importância das circulações na garantia da funcionalidade e orientação espacial. Ao discutirem a “forma dos passeios” (121), os autores enfatizam que as circulações horizontais externas devem ser projetadas para servirem a funções como deslocamento, cruzamento e permanência, sendo as “ruas de pedestres” (100) o exemplo mais eficaz para garantir que as pessoas caminhem separadas dos automóveis.

Em geral, as condições climáticas e/ou a organização formal dos edifícios implicam na necessidade dessas circulações horizontais serem cobertas, resultando nos padrões “ruas internas” (101) e “arcadas” (119). Eles são considerados pelos autores como exemplos de espaços de transição por apresentarem ambiguidade de características das áreas internas e externas. Os trabalhos de Silveira, Costa e Carvalho (2016) e Oliveira, Ferreira e Medeiros (2021) mostram ser comum que, em alguns campi universitários brasileiros essas áreas sejam tratadas como passarelas (Figura 5) e recebam mobiliário ao longo da periferia.

Internamente, circulações horizontais podem ser planejadas de modo que prevejam “bolsões de atividades” (124) e “corredores curtos” (132), padrões que se referem a áreas “entre os passeios ou percursos dos pedestres e contêm atividades que tornam natural que as pessoas parem e se envolvam” (ALEXANDER; ISHIKAWA; SILVERSTEIN, 1977, p.602). Para simbolizar essa característica, ao propor a inserção dessas zonas em ambientes acadêmicos, alguns pesquisadores apresentam termos como *breakout spaces* (FISHER, 2005), *corridor nook* (LYNCH, 2006), *pocket spaces* (IBRAHIM; FADZIL, 2013), e *eddy spaces* (RIDDLE; SOUTER, 2012), representados na Figura 6, como pequenos “redemoinhos” ou “alcovas” na circulação, que possibilitam paradas sem atrapalhar a fluidez.

Devido a capacidade de promover encontros inesperados e experiências não planejadas que contribuem para a criatividade e aprendizado, quando pequenos locais agregadores são inseridos em ambientes de circulação permitem práticas de estudo e reuniões em grupos menores de forma descontraída. Em circulações verticais, esses bolsões podem ser dispostos em nichos próximos as esquadrias, patamares e, dependendo da largura, os próprios degraus podem servir como “escada para sentar” (125), dando suporte para o padrão “escada como papel social” (133), que ajuda a reforçar conexões visuais e contatos espontâneos (Figura 7).

Figura 4 - Exemplos de átrios com mobiliário variado. Fonte: ALEXANDER; ISHIKAWA; SILVERSTEIN, 1977 (croquis); WU; OLDFIELD; HEATH, 2020, p.9 (a); JAMIESON, 2009, p.22 (b), retrabalhado pelas autoras. Figura 5 - Exemplos de passarelas cobertas. Fonte: ALEXANDER; ISHIKAWA; SILVERSTEIN, 1977 (croquis); SILVEIRA; COSTA; CARVALHO 2016, p. 3379; 3381 (a); OLIVEIRA; FERREIRA; MEDEIROS, 2021, p. 1177-1178 (b), retrabalhado pelas autoras.

Figura 6 - Exemplo de zonas para bolsões de atividades. Fonte: ALEXANDER; ISHIKAWA; SILVERSTEIN, 1977 (croquis); RIDDLE; SOUTER, 2012, p.4 (a); LYNCH, 2006, p.267(b), retrabalhado pelas autoras.



Outros trabalhos que abordam sobre a contribuição para aprendizagem informal e criatividade (POPENICI; BREW, 2013; BRATUŠKINS; TREIJA; BABRIS, 2018; SOUZA, 2020), destacam a importância dos espaços de transição como áreas de exposições. Para eles, a utilização das paredes como meio de comunicação com os usuários ou outras estratégias de exibir trabalhos ou instalações temporárias estimulam os transeuntes que podem se inspirar pelas releituras dos lugares, evocam a liberdade de uso e transformação e instigam a socialização.

Além das características socio físicas, esses espaços são analisados pelas suas propriedades restaurativas (KAPLAN, 1995) e de combate ao estresse ou fadiga (FELSTEN, 2009). Ao descrever o padrão “passeios tranquilos” (59), Alexander, Ishikawa e Silverstein afirmam que “a necessidade de tais lugares têm sido muitas vezes reconhecida em campi universitários, em que há passeios tranquilos para os quais as pessoas vão quando querem pensar, fazer um intervalo ou conversar em particular” (1977, p.303).

O caráter restaurador foi abordado no trabalho de Albuquerque, Silva e Kuhnen (2016), que analisou preferências ambientais em campi, destacando a diferença entre interações ativas e passivas com áreas verdes. No segundo caso de contato, os usuários associam a proximidade da natureza com a busca pelo silêncio, para realizar atividades como estudo individual, descanso ou contemplação, preferindo corredores, varandas e galerias próximos de espaços externos para que possam ter visibilidade da vegetação.

GRUPO 3 – Espaços externos descobertos

Para esse grupo de espaços de transição estão sendo consideradas áreas residuais entre edificações que foram definidas para serem parcialmente limitadas nas laterais, garantindo a compreensão da sua forma. Considerando os padrões de Alexander, Ishikawa e Silverstein essa compreensão equivale ao “espaço externo positivo” (106), que apresenta uma configuração “tão definida quanto se fosse um recinto interno, e quando sua forma é tão importante quanto as formas da edificação que o circundam” (1977, p. 518).

Dentre os exemplos mais comuns dessa organização espacial estão os pátios internos ou recuos entre prédios próximos, com características que equivalem aos padrões “pátios internos cheios de vida” (115) e “sala de estar externa” (163). O exemplo da Figura 8 demonstra que seu caráter de transição é reforçado pela passagem contínua

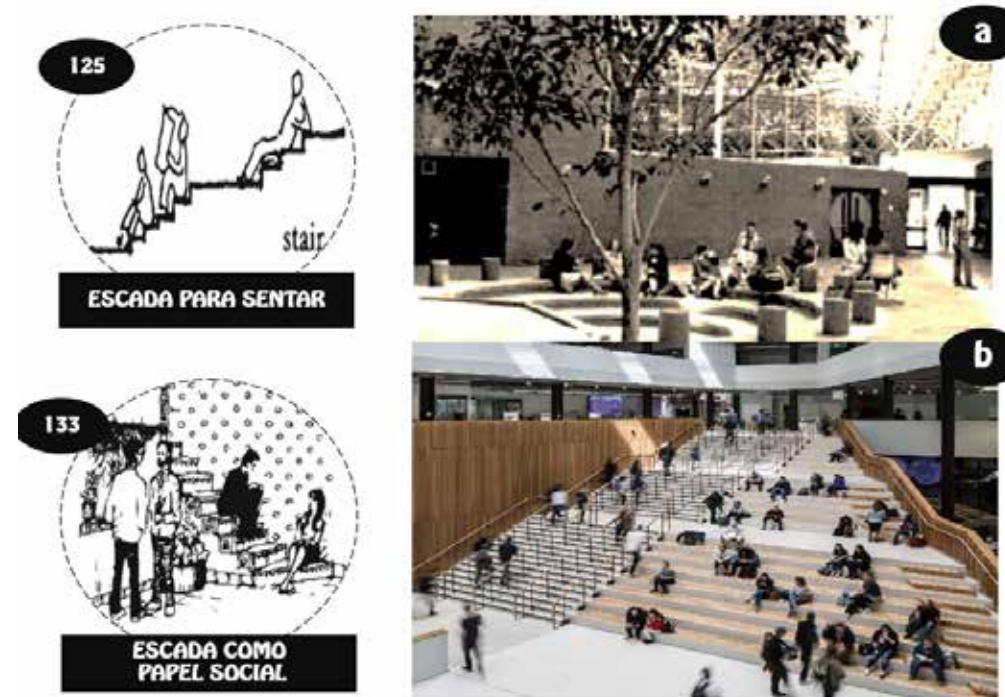


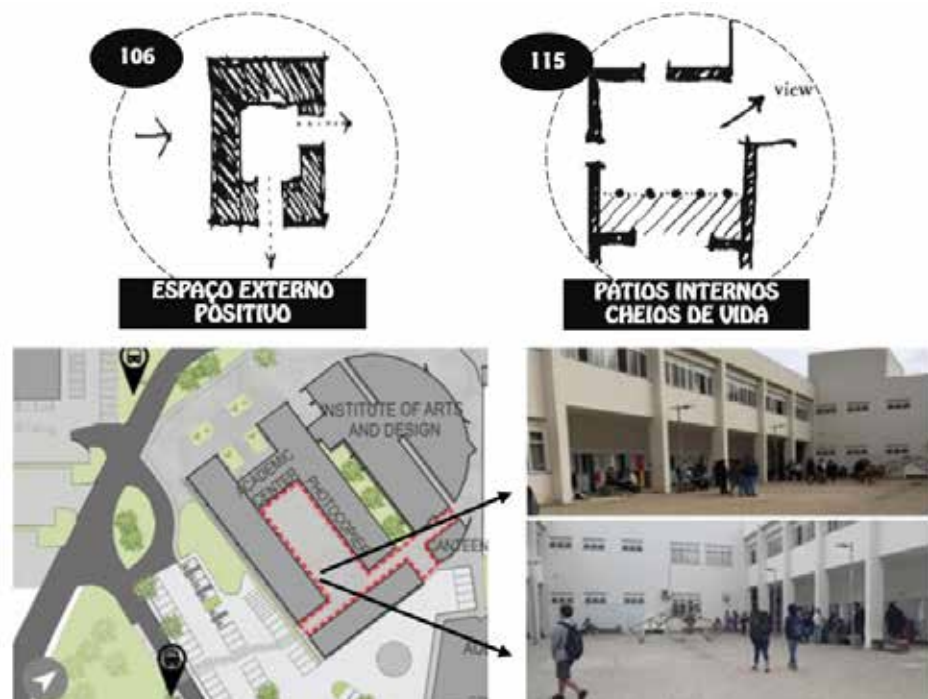
Figura 7 - Exemplos de degraus com funções sociais. Fonte: ALEXANDER; ISHIKAWA; SILVERSTEIN, 1977 (croquis); FISHER, 2005, p.161 (a); ARCHITECTURE AND DESIGN SCOTLAND, 2021, p.6 (b), retrabalhado pelas autoras

entre o interior e o exterior, de modo que o movimento das pessoas seja feito de forma natural e não abrupta. Além disso, dentre a descrição da eficiência desses padrões, é necessário que eles não sejam completamente fechados, para que permitam o vislumbre do céu (por isso, geralmente são descobertos) ou de outros espaços externos maiores, como jardins e praças.

Um dos resultados apresentados por Tourinho et al. (2021) sobre esse espaço vai em conformidade com a hipótese levantada por Alexander, Ishikawa e Silverstein (1977), já defendida por Sitte (1965). Para esses autores, as pessoas sentem suporte psicológico de pátios internos e os utilizam porque, o fechamento aparente e o direcionamento para um ponto de referência, oferecem sensações de segurança e comunidade, com as aberturas dos edifícios voltadas para esses espaços, permitindo um senso de “todo visual” (FISHER, 2007).

A literatura ressalta, ainda, que os exemplares em áreas descobertas precisam se preocupar com aspectos formais - como a proporção, para manter a visibilidade das atividades que acontecem neles -, de acabamentos construtivos e escolha de materiais, para que incentivem o uso prolongado em diferentes momentos do dia/ano. Alguns exemplos dos padrões sugeridos por Alexander, Ishikawa e Silverstein (1977) que auxiliam no suporte da permanência dos usuários, são: “posicionamento dos bancos externos” (241); “mureta para sentar” (243); “toldos de lona” (244); e “cadeiras diferentes” (251). Como ilustram as fotografias da Figura 9, nota-se que a falta de manutenção, sombreamento e mobiliário adequado e diversificado inibem as pessoas a frequentarem os espaços.

Como os espaços de transição desse grupo recebem incidência solar maior em comparação aos outros, diversos pesquisadores (SILVEIRA; COSTA; CARVALHO, 2016; ALVES; TAKAMUNE; SUNAO, 2016; SOARES; WEITKAMP; YAMU, 2020; OLIVEIRA; FERREIRA; MEDEIROS, 2021) ressaltam a necessidade de implantar estratégias para que eles não sejam subutilizados, especialmente em condições climáticas diferentes. Dentre elas, estão: oferta de coberturas parciais ou integração dessas áreas com as circulações cobertas; associação entre assentos primários flexíveis (bancos e cadeiras) e secundários (muretas, degraus, monumentos); relação adequada com elementos vegetais para geração de microclimas.



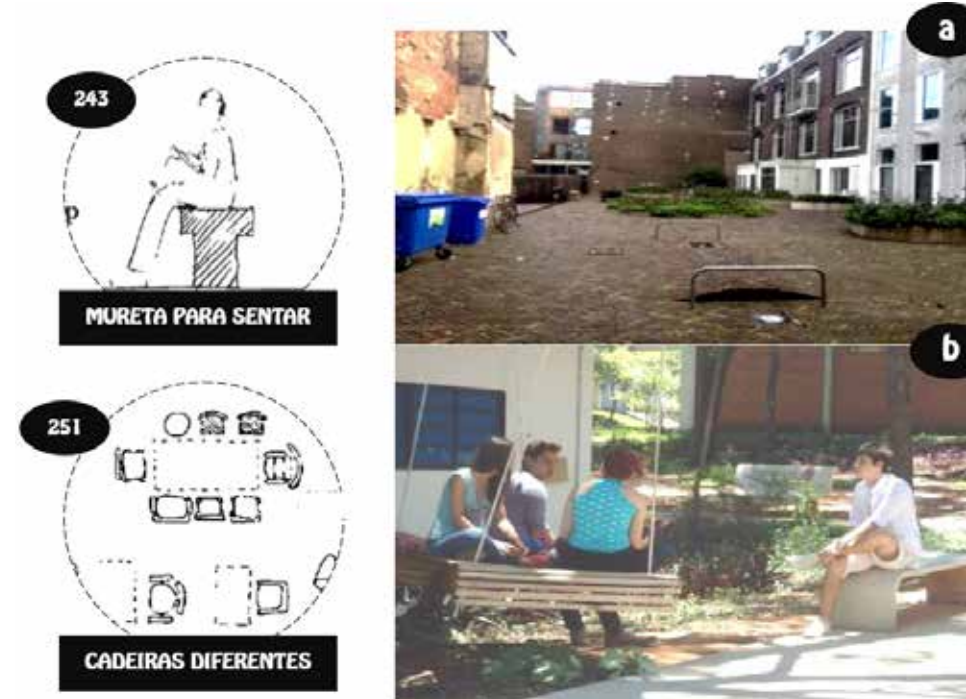
Considerações finais

Associar a revisão narrativa da literatura a respeito de estudos recentes sobre espaços de transição em campi universitários com os padrões de linguagem (*pattern language*) de Alexander, Ishikawa e Silverstein (1977) tornou possível a predefinição de um sistema desses espaços a partir do agrupamento de exemplos ilustrativos das características sócio físicas e da dinâmica de atividades de movimento e permanência semelhantes. Além disso, as relações entre interior e exterior das edificações contribuem para o melhor entendimento do modo como essas áreas se distribuem no campus, em termos de interdependência, complementaridade e hierarquia.

O grupo 1, representado pelas “entradas e áreas comuns cobertas”, ilustrou como elas podem ser distribuídas e organizadas a fim de potencializarem atividades de permanência e interação social, contribuindo para experiências de vinculação dos usuários. O papel das “circulações horizontais e verticais” (Grupo 2) foi demonstrado que vai além das suas funções para orientação e distribuição dos fluxos, podendo ser configuradas para incorporar “nichos de parada” e alocadas em ambientes com propriedades restaurativas. O grupo 3, “áreas externas descobertas” é representado por ambientes contidos ou entre edifícios, que por serem parcialmente fechados oferecem suporte psicológico aos usuários, mas que demandam outras preocupações pela ausência de cobertura, como condições climáticas e mobiliário.

É importante ressaltar que, apesar do melhor enquadramento dos exemplos nos grupos citados, na maioria dos trabalhos analisados essas áreas não são apresentadas isoladamente, e sim como parte de um conjunto de espaços que dão suporte às diversas atividades de aprendizado, socialização, criatividade, conforto psicológico e ambiental que acontecem nas universidades. Portanto, reforça-se que, apesar da sua distribuição e quantidade poder variar conforme as características de cada campus, a definição de um sistema contribui para reconhecer como as zonas se relacionam e podem ser potencializadas no que diz respeito à possibilidade de atuação conjunta.

Por fim, a identificação de um sistema de espaços de transição em campus universitário tem consonância com a reflexão trazida por Popenici e Brew (2013), e que ressalta o fato da criação de ambientes de aprendizado e colaboração não precisar ser, necessariamente, fundamentada na construção de novos prédios. Em linhas gerais, entende-se que atualmente áreas que integram circulação e permanência já são oferecidas pela maioria das universidades, as quais possibilitam suporte para diversas atividades, cujo uso acontece de acordo com as preferências dos usuários e enriquece



suas experiências, dando vitalidade àquelas áreas. Para demonstrar isso e aprofundar o conhecimento sobre a ocupação e o papel pedagógico destes espaços se fazem necessárias novas pesquisas, voltadas para compreender sua ocupação e captar as percepções dos usuários nesses locais, bem como para testarem e revisarem o sistema proposto neste artigo.

Agradecimentos

As autoras agradecem às bolsas recebidas das agências nacionais de fomento. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), bolsa de doutorado da primeira autora, e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), bolsa de produtividade em pesquisa da segunda.

Referências

- ALBUQUERQUE, Dayse; SILVA, Dnyelle; KUHNEN, Arlane. Preferências Ambientais e Possibilidades de Restauro Psicológico em Campi Universitários. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 36 n°4, p. 893-906, 2016.
- ALEXANDER, Christopher; ABRAMS, Denny; ANGEL, Shlomo; ISHIKAWA, Sara; SILVERSTEIN, Murray. *The Oregon Experiment*. New York: Oxford University Press, 1975.
- ALEXANDER, Christopher; ISHIKAWA, Sara; SILVERSTEIN, Murray. *A Pattern Language: Towns, Buildings, Construction*. New York: Oxford University Press, 1977.
- ALTMAN, Irwin; LOW, Setha. (Eds). *Place attachment. Human behavior and environment: Advances in theory and research*. New York: Plenum Press, Vol. 12, 1992.
- ALVES, Silvana; TAKAMUNE, Camila; SUNAO, Priscila. Análise do design de áreas de convívio em um campus universitário por meio de malhas gráficas. In: 7º PLURIS, Congresso luso brasileiro para o planejamento urbano, regional, integrado e sustentável. Maceió, 2016. *Anais...* Maceió, 2016.

ARCHITECTURE AND DESIGN SCOTLAND. *Case study: in-between spaces in further education*. Edinburg, 24 fev. 2021. Case Studies. Disponível em: <https://www.ads.org.uk/case-study/in-between-spaces-further-education>. Acesso em: 06 jun. 2022.

BALSINI, Andre. *Espaços de transição: entre a arquitetura e a cidade*. 2014. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

BARONE, Ana Claudia. *Team 10: arquitetura como crítica*. São paulo, Annablume: Fapesp, 2002.

BENTLEY, Ian; ALCOCK, Alan; MCGLYNN, Sue; MURRAIN, Paul; SMITH, Graham. *Responsive environments: a manual for designers*. Oxford: Architectural Press, 1985.

BOAVENTURA, Flávio. *Padrão espacial e dimensão humana dos espaços para prática social no campus I da UFPB: Estudo do Quarteirão do Conjunto Humanístico*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Paraíba, 2021.

BODDINGTON, Anne; BOYS, Jos. *Re-shaping learning: a critical reader - the future of learning spaces in post-compulsory education*. Rotterdam: Sense Publishers, 2011.
BRATUŠKINS, Uģis; TREIJA, Sandra; BABRIS, Matijs. Non-formal education in architecture: Latvian experience. *Journal of Architecture and Urbanism*, 42(1), p. 46–51, 2018.

CALDERARI, Elaine; FELIPE, Joel. *Novos campi universitários brasileiros: processos e impactos*. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2021.

CHUN, Chungyoon; KWOK, Alisson; TAMURA, Akihiro. Thermal comfort in transitional spaces—basic concepts: literature review and trial measurement. *Building and Environment*, n. 39, p. 1187-1192, 2004.

CUSTÓDIO, Vanderli; CAMPOS, Ana Cecília; MACEDO, Sílvio; QUEIROGA, Eugenio. Espaços livres públicos nas cidades brasileiras. *Revista Geográfica de América Central*. Costa Rica, Número Especial EGAL, p. 1-31, 2011.

DJAMEL, Kara. Entre-2: l'espace transitionnel de l'enveloppe architecturale. In: CHARCOSSET, Gérard (resp). *Séminaire Master 2: Problématique de l'enveloppe architecturale entre plasticité et technicité*, Val de Seine, Paris, 2006-2007.

FELSTEN, Gary. Where to take a study break on the college campus: an attention restoration theory perspective. *Journal of Environmental Psychology*, 29(1), p. 160-167, 2009.

FERREIRA, Bianca. Espaço de transição e urbanidade: investigação de estratégias para melhor qualidade na vida urbana. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2022.

FISHER, Kenn. Research into identifying effective learning environments. *Evaluating Quality in Educational Facilities*, p.159-167, 2005.

FISHER, Thomas. The architecture school as a type. In: NASAR, Jack; PREISER, WOLFGANG; FISHER, Thomas. *Designing for designers: lessons learned from schools of architecture*, New York: Fairchild Publications, 2007. Cap. 4, p 34-60.

GEHL, Jan. *Life between buildings: using public space*. The Danish Architectural Press, 1971.

GEHL, Jan. *Cidades para pessoas*. 2ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

HAJRASOULIHA, Amir; EWING, Reid. Campus does matter: the relationship of student retention and degree attainment to campus design. *Planning for Higher Education Journal*, p. 30-45, 2016.

HERTZBERGER, Herman. *Lições de Arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

IBRAHIM, Norhati; FADZIL, Nur Hafisah. Informal setting for learning on Campus: usage and preference. *Procedia – Social and Behavioral sciences*. n. 105, p.344-351, 2013.

JAMIESON, Peter. The serious matter of informal learning. *Planning for Higher Education - Society for College and University Planning (SCUP)*, p. 18-25, 2009.

KAPLAN, Stephen. The restorative benefits of nature: toward an integrative framework. *Journal of Environmental Psychology*, 15(3), p. 169-182, 1995.

KOTSIPOULOS, Tassos. Reading the Oregon Experiment. *Building and Environment*, v. 17, n. 2, p. 69-85, 1982.

LYNCH, Dennys. Boyer Hall: Messiah College. In: OBLINGER, Diana. *Learning Spaces*. Educase e-book, 2006. Capítulo 24, p. 264-270.

MACEDO, Sílvio; QUEIROGA, Eugenio; CAMPOS, Ana Cecília; COSSIA, Denis; GONÇALVES, Fábio; ROBBA, Fabio; GALENDER, Fany; DEGREAS, Helena; SILVA, Jonathas; PRETO, Maria Helena; AKAMINE, Rogério; CUSTÓDIO, Vanderli. Considerações preliminares sobre o sistema de espaços livres e a constituição da esfera pública no Brasil. In: *Sistema de espaços livres: o cotidiano, apropriações e ausências*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, p. 60-83, 2009.

MCLANE, Yelena; KOZINETZ, Nadya. Spatiality, experiences, and the formation of place attachment at campus student life centers. *College Student Journal*, vol. 53, no. 1, p. 78-98, 2019.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Phénoménologie de la perception*. Paris: Éditions Gallimard, 1945.

NORBERG-SCHULZ, Christian. O fenômeno do lugar (1976). In NESBITT, Kate. *Uma nova agenda*. SP: Cosac & Naify, 2006. Capítulo 9, p. 443-460.

OLIVEIRA, Yanka; FERREIRA, Angela; MEDEIROS, Renato. Espaços de convivência e sua influência na vida universitária: um estudo do Centro de Tecnologia da UFRN. In: VI ENANPARQ, Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Brasília, DF, Brasil. *Anais...*, p.1168-1186, 2021.

OSORIO, Emil. In-between spaces in Antofagasta: relationship of architecture with its context. *Revista AUS*. p.10-13, 2012.

PINE, Joseph; GILMORE, James. *The experience economy: work is theatre and every business a stage*. Boston: Harvard Business School Press, 1999.

POPENICI, Stefan; BREW, Angela. Reading Walls on University Corridors. In: VICARS, M.; MCKENNA, T. (org.). *Discourse, power, and resistance Down Under*. Rotterdam: Sense Publishers, p. 145–156, 2013.

RAMU, Velusamy; TAIB, Nooriati; AZIZ, Nor. Evaluating the affordance of transitional space as social learning space at polytechnic. In: Proceedings... 4th International conference on rebuilding place, 2019, p.133-143.

RIDDLE, Matthew; SOUTER, Kay. Designing informal learning spaces using student perspectives. *Journal of Learning Spaces*, v. 1, n. 2, p.1-8, 2012.

SALAMA, Ashraf. When good design intentions do not meet users expectations: exploring Qatar university campus outdoor spaces. *Archnet-IJAR: International Journal of Architectural Research*, v. 2 n. 2, p. 57-77, 2008.

SARMENTO, Bruna. *A qualidade ambiental de espaços livres em campi: Um estudo na UFPB e UFRN sob a ótica da Avaliação Pós-Ocupação*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2017.

SARMENTO, Bruna; COSTA, Angelina; ELALI, Gleice. O papel do sistema de espaços livres para a qualidade de vida em campus universitário: um estudo no campus I da UFPB. In: COSTA, Angelina; SILVA, Milena; SILVEIRA, José Augusto. (Org.). *Qualidade de vida na cidade: lugares e suas interfaces intraurbanas*. João Pessoa: AB Editora, 2016. Capítulo 2, p. 44-78.

SCOPEL, Vanessa. Espaços de transição: o elo conector entre o edifício e a cidade. In: *VIII Seminário Internacional de Investigación en Urbanismo*, 2016, Anais... Barcelona: DUOT, 2016.

SEAMON, David. Place, place identity and phenomenology. In: CASAKIN, Hernan; BERNARDO, Fatima. (Eds). *The role of place identity in the perception, understanding and design of the built environment*. London: Bentham Science Publishers, 2012. Capítulo 1, p. 3-21.

SHAH LAEI, Alireza; MOHAJERI, Marzieh. In-Between Space, Dialectic of Inside and Outside in Architecture, *International Journal of Architecture and Urban Development*, Vol.5, n.3, p. 73-80, 2015.

SIDDAWAY, Andy; WOOD, Alex; HEDGES, Larry. How to do a systematic review: a best practice guide for conducting and reporting narrative reviews, meta-analyses, and meta-syntheses. *Annual Review of Psychology*, vol. 70, n. 1, p. 747-770, 2019.

SILVEIRA, Ana Lucia; COSTA, Isadora; CARVALHO, Romulo. Análise de pós-ocupação de áreas de convívio em ambientes universitários. In: *XVI Encontro Nacional De Tecnologia Do Ambiente Construído*. Anais... São Paulo, 2016, p. 3374-3387.

SITTE, Camillo. *City planning according to artistic principles*. New York: Random House, 1965.

SOARES, Isabelle; WEITKAMP, Gerd; YAMU, Claudio. Public Spaces as Knowledgescapes: Understanding the Relationship between the Built Environment and Creative Encounters at Dutch University Campuses and Science Parks. *International Journal of Environmental Research and Public Health*. 2020, p. 1-30.

SOUZA, Natalya. The space 'in-between': the relationship order-chaos and the creativity of senior students of Architecture. *Excursions Journal*, v. 10, p. 99-122, 2020.

STRANGE, Carney; BANNING, James. *Designing for learning: Creating campus environments for student success*. San Francisco: Jossey-Bass, Wiley Periodicals, 2015.

TAYLOR, Anne; VLASTOS, George. *School Zone*. Learning environments for children. Corrales, New Mexico: School Zone Inc., 1983.

TOSCANI, Chiara. *Le Forme del Vuoto spazi di transizione dall'architettura al paesaggio*. Milano, Maggioli Editore, 2011.

TOURINHO, Ana Clara; BARBOSA, Sabrina; GÖÇER, Özgür; ALBERTO, Klaus. Post-occupancy evaluation of outdoor spaces on the campus of the Federal University of Juiz de Fora, Brazil. *Archnet-IJAR: International Journal of Architectural Research*, v. 15, n. 3, p. 617-633, 2021.

TRIGUEIRO, Edja. Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. In: NEWTON JÚNIOR, Carlos (Org.) *Portal da memória: Universidade Federal do Rio Grande do Norte 50 Anos (1958-2008)*. Brasília, DF: Senado Federal, p. 45-72, 2008.

VAN DER HAM, Sander; VAN ULDEN, Eric. Zonas híbridadas tornam as ruas pessoais. In: KARSSENBERG, Hans et al. *A cidade ao nível dos olhos: lições para os plinths*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015. Capítulo 26, p. 144-149.

VAN EYCK, Aldo. Steps toward a Configurative Discipline. *From Forum* 3, p. 81- 93, 1962.

WINNICOTT, Donald. *Transitional Objects and Transitional Phenomena - A Study of the First Not-Me Possession* 1. *Int. J. Psycho-Anal.*, p. 89-97, 1953.

WU, Xianfeng; OLDFIELD, Philip; HEATH, Tim. Spatial openness and student activities in an atrium: A parametric evaluation of a social informal learning environment. *Building and Environment*, n. 182, p. 1-14, 2020.

ZENGEL, Rengin; KAYA, Ilkim. Post Occupancy Evaluation of Shared Circulation Spaces of the Faculty of Arts and Sciences of Dokuz Eylul University. *Archnet/IJAR*, vol. 5, n. 3, p. 58-80, 2011.